



MELIPONICULTURA: OPORTUNIDADE DE RENDA COMPLEMENTAR PARA OS QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE DIAMANTE – PB

Rosélia Maria de Sousa Santos¹; José Ozildo dos Santos²; Rafael Chateaubriand de Miranda¹;
Iluskhanney Gomes de Medeiros Nóbrega¹; Patrício Borges Maracajá³, Maria Carmem Batista
de Alencar², Symara Abrantes de Oliveira Cabral²

⁽¹⁾Alunos especiais do Curso de Mestrado em Sistemas Agroindustriais (UFCG). ⁽²⁾Mestrando em Sistemas Agroindustriais (UFCG). ⁽³⁾Professor da Universidade Federal de Campina Grande-CCTA

RESUMO - Nas comunidades quilombolas, o mel, o cerume e o saburá (pólen), produzidos pelas abelhas nativas são bastante utilizados. Nessas comunidades, o mel produzido pela urucu é considerado o melhor, principalmente, por suas propriedades medicinais. Entre os quilombolas, com uma grande frequência, a urucu é encontrada, sendo criada em cortiços, que consiste na retirada de troncos ocos de árvores em que os ninhos estão localizados, fechando as extremidades com argila. O presente estudo tem por objetivo mostrar que a meliponicultura pode constituir-se numa oportunidade de renda complementar para os quilombolas do Sítio Barra de Oitis, município de Diamante, Estado da Paraíba. Constatou-se que em relação à assistência técnica por parte dos órgãos públicos e do incentivo para a prática da meliponicultura, 15% dos quilombolas entrevistados afirmaram que já receberam incentivos ou participaram de alguma capacitação para a promoção da meliponicultura; 70% declararam que nunca receberam a visita de um técnico para tratar do assunto e outros 15% informaram que já participaram de uma capacitação sobre técnicas de higiene no mel produzido pelas abelhas sem ferrão. De acordo com os dados levantados, 85% dos participantes da presente acreditam que o principal obstáculo enfrentado por eles em relação à meliponicultura diz respeito à falta de apoio e de assistência técnica; 15% dos entrevistados acrescentaram que além desses obstáculos, a falta de uma flora apropriada na região também contribuiu para limitar a produção de mel na comunidade. Com a presente pesquisa, verificou-se que a falta de políticas públicas vem causando sérios prejuízos à comunidade quilombola do Sítio Barra de Oitis, no Município de Diamante.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola. Meliponicultura. Oportunidade de Renda.

III CONGRESSO NORDESTINO DE APICULTURA E MELIPONICULTURA - Abelha e Meio ambiente: Desenvolvimento com Sustentabilidade

INTRODUÇÃO

A atividade de criar abelhas sem ferrão - denominada de Meliponicultura - é muito comum entre as populações brasileiras e tem sido realizada há séculos pelas populações rurais, principalmente, do norte e nordeste, bem como nas tradicionais comunidades formadas por indígenas e quilombolas (CARVALHO; MARTINS; MOURÃO, 2014).

Vários estudos já foram realizados no Brasil, objetivando avaliar como se desenvolvem as relações entre as populações tradicionais (indígenas e quilombolas) e as abelhas sem ferrão. No âmbito internacionalmente também são encontrados estudos neste campo. No entanto, quando comparados com os desenvolvidos no campo da Apicultura, percebe-se que os primeiros são em número bastante reduzidos (ALVES et al., 2012).

Nas comunidades quilombolas, o mel, o cerume e o saburá (pólen), produzidos pelas abelhas nativas são bastante utilizados. Um estudo desenvolvido por Toledo; Barrera-Bassols (2009), mostra que nessas comunidades, o mel produzido pela urucu é considerado o melhor, principalmente, por suas propriedades medicinais.

Entre os quilombolas, com uma grande frequência, a urucu é encontrada, sendo criada em cortiços, que consiste na retirada de troncos ocos de árvores em que os ninhos estão localizados, fechando as extremidades com argila (KERR; CARVALHO; NASCIMENTO, 1996).

Essa prática de manter abelhas em cortiços está sendo substituída por caixas rústicas, especialmente, pelos meliponicultores mais jovens apicultores, sob o argumento de que torna a gestão destas abelhas mais fácil. Entretanto, objetivando preservar a tradição cultural, criadores mais antigos veem se preocupando em ensinar a prática do cortiço aos seus filhos e netos (CARVALHO; MARTINS; MOURÃO, 2004).

A criação de abelhas sem ferrão nas comunidades quilombolas é considerada uma atividade tradicional, encontrando-se envolvida em uma rede de conhecimento ecológico, que veem sendo transferidos de gerações para gerações, ao longo do tempo (ALVES et al., 2012).

O presente estudo tem por objetivo mostrar que a meliponicultura pode constituir-se numa oportunidade de renda complementar para os quilombolas do Sítio Barra de Oitis, município de Diamante, Estado da Paraíba.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na comunidade Sítio Oitis, localizada no município de Diamante, Estado da Paraíba, região esta que integra a Mesorregião do Sertão e à Microrregião de Itaporanta. Por sua vez, o município de de Diamante se limita com Bonito de Santa Fé e São

Jose de Caiana, ao norte; Boa Ventura e Curral Velho, ao leste, Santana de Mangueira, ao sul, Ibiara e Conceição, ao oeste (MASCARENHAS et al., 2005).

A coleta dos dados foi realizada no período de setembro a outubro de 2013, oportunidade em que se utilizou um questionário previamente elaborado, contendo questões subjetivas. Para a recolha dos referidos dados foram feitas cinco visitas semanais, observando a disponibilidade dos informantes.

No final, os dados foram analisados quantitativamente através do modelo descritivo, utilizando-se do programa Statistica 6, possibilitando a apresentação de tais dados em forma de gráficos e tabelas. A discussão dos resultados foi promovida observando a literatura especializada disponível sobre o assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se que existe uma grande exploração da meliponicultura por parte dos quilombolas residente na comunidade Sítio dos Oitis (n = 90). Dentre os participantes (n = 100), 40% trabalham somente com abelhas em ferrão da espécie jandaíra; 35% exploram apenas a uruçú e os demais (25%), declararam que conseguem criar as espécies jandaíra e uruçú, ao mesmo tempo.

No que diz respeito à assistência técnica por parte dos órgãos públicos e do incentivo para a prática da meliponicultura, 15% dos quilombolas entrevistados afirmaram que já receberam incentivos ou participaram de alguma capacitação para a promoção da meliponicultura; 70% declararam que nunca receberam a visita de um técnico para tratar do assunto e outros 15% informaram que já participaram de uma capacitação sobre técnicas de higiene no mel produzido pelas abelhas sem ferrão.

Para o desenvolvimento das comunidades rurais e de suma importância a presença da assistência técnica. No entanto, é importante que se busque o desenvolvimento de modos de produção que se respeite as tradições locais, principalmente, entre os quilombolas (CARVALHO; MARTINS; MOURÃO, 2014).

Entre os entrevistados, 75% declaram que a abelha sem ferrão contribui para o meio ambiente, auxiliando no processo de polinização das plantas, 25% da amostra pesquisa não soberam opinar sobre o assunto.

A Meliponicultura é considerada como sendo uma atividade capaz de causar impactos positivos tanto sociais quanto econômicos, contribuindo também para a manutenção e a preservação dos ecossistemas (PEREIRA et al., 2003). Nessa atividade, o valor ambiental é

caracterizado pela interdependência da vegetação (nativa e cultivada) com a biodiversidade de polinizadores (PEGOARO; ZILLER, 2003).

No que diz respeito à utilização do mel da abelha sem ferrão para fins medicinais, todos os quilombolas entrevistados fazem uso dessa prática, acrescentando que o mel da Uruçu é o comumente mais utilizado para tal fim.

Esse achado está de acordo com os resultados de uma pesquisa apresentada por Barrera-Bassols (2009), que também demonstrou que nas comunidades Quilombolas, o mel produzido pela urucu possui uma ampla utilização na medicina caseira.

De acordo com os dados levantados, 85% dos participantes da presente acreditam que o principal obstáculo enfrentado por eles em relação à meliponicultura diz respeito à falta de apoio e de assistência técnica; 15% dos entrevistados acrescentaram que além desses obstáculos, a falta de uma flora apropriada na região também que contribuído para limitar a produção de mel na comunidade.

Um estudo realizado por Rodrigues (2009) mostra que somente nos últimos anos, os órgãos públicos veem dando uma melhor assistência técnicas às comunidades, objetivando promover o seu desenvolvimento, inclusive, promovendo a meliponicultura.

No entanto, apesar da Meliponicultura entre os quilombolas ser uma tradição, a falta de apoio e incentivos ao seu desenvolvimento é algo bastante visível e presente.

CONCLUSÕES

Nas comunidades quilombolas, a prática da Meliponicultura encontra-se associada aos recursos naturais e pode contribuir para a construção da sustentabilidade local, tendo em vista que se trata de uma atividade que estimula a criação de abelhas sem ferrão, garantindo a polinização de espécies nativas e de plantações, bem como ajudando a reduzir o desmatamento e os danos ao meio ambiente.

Com a presente pesquisa, mostrou-se que apesar de existir um aparato legal para a promoção do etnodesenvolvimento das comunidades quilombolas - visando melhorar as condições de vida e fortalecer a organização dessas comunidades, valorizando experiências históricas e culturais, e, promover a integração sustentável com o meio ambiente - no sertão paraibano, essas políticas públicas não são aplicadas, causando sérios prejuízos às comunidades tradicionais da região, a exemplo da existente no Sítio Barra de Oitis, no Município de Diamante.

Constatou-se que nessa comunidade de afrodescendentes formada por 158 famílias cadastradas - reconhecida como a maior Comunidade Quilombola do Estado da Paraíba -

explora-se amplamente a Meliponicultura, sem, contudo, receber uma assistência técnica à altura de suas necessidades, capaz de contribuir no processo de melhoria da qualidade de vida local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. R. N.; NETA, R. O. S.; TROVÃO, D. M. B. M.; BARBOSA, J. E. L.; BARROS, A. T.; DIAS, T. L. Traditional uses of medicinal animals in the semi-arid region of northeastern Brazil. **J Ethnobiol Ethnomed**, v. 8, n. 3, p 41-46, 2012.

CARVALHO, R. M. A.; MARTINS, C. F.; MOURÃO, J. S. Meliponiculture in Quilombola communities of Ipiranga and Gurugi, Paraíba state, Brazil: an ethnoecological approach. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 3, p. 1-12, 2014.

KERR, W. E.; CARVALHO, G. A.; NASCIMENTO, V. A. **Abelha uruçú**: Biologia, manejo e conservação. Belo Horizonte: Fundação Acangaú, 1996.

MASCARENHAS, João de Castro et al. **Diagnóstico do município de Diamante, estado da Paraíba**.(Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea). Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

PEGORARO, A.; ZILLER, S. R. Valor Apícola das Espécies Vegetais de duas Fases Sucessionais da Floresta Ombrófila Mista, em União da Vitória Paraná – Brasil. **Boletim de Pesquisa Florestal, Colombo**, n. 47, p. 69-82, 2003.

PEREIRA, J. C.; VINCENZI, M. L.; LOVATO, P. E. Roland Ristow: uma contribuição ao estudo da agricultura sustentável. **Eisforia**, v. 1, n. 1, p. 63-97, 2003.

RODRIGUES, E. R. **Conhecimento etnoentomológico sobre abelha indígena sem ferrão (Meliponina) e meliponicultura na comunidade de São Pedro dos Bois do estado do Amapá**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Macapá: Universidade Federal do Amapá; 2009.

Gráfico 1 - Distribuição dos participantes quanto ao fato de explorarem ou não a meliponicultura (Comunidade Quilombola Oitis, Diamante, Paraíba).

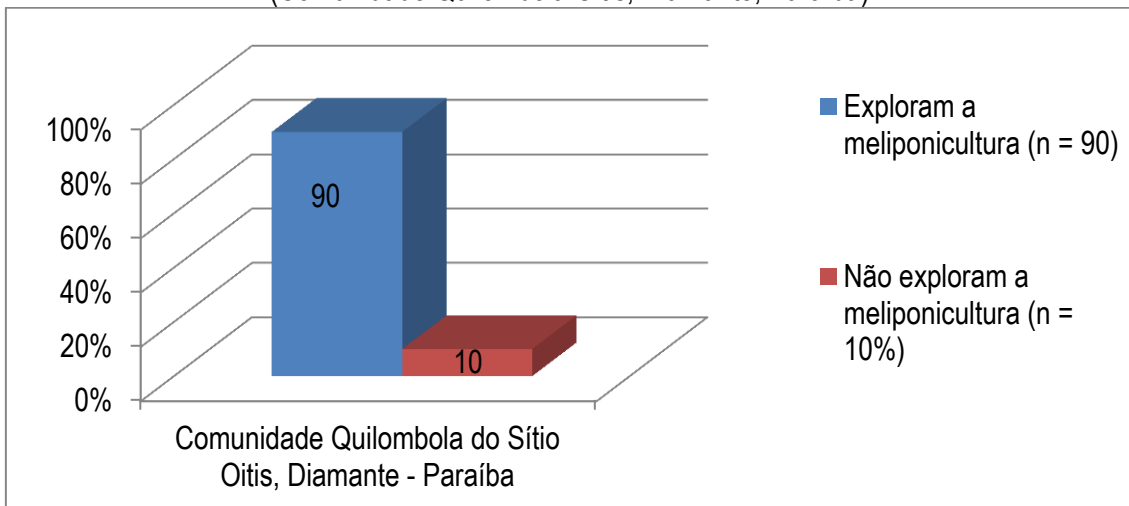


Gráfico 2 - Distribuição dos participantes quanto às espécies de abelhas sem ferrão exploradas (Comunidade Quilombola Oitis, Diamante, Paraíba).

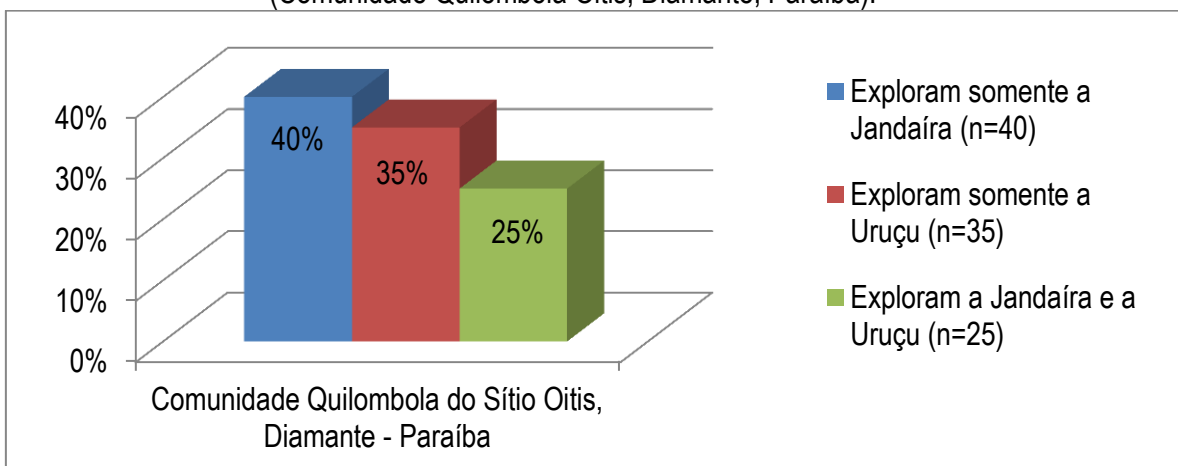


Gráfico 3 - Distribuição dos participantes quanto aos principais obstáculos enfrentados no desenvolvimento da meliponicultura (Comunidade Quilombola Oitis, Diamante, Paraíba).

